



A resistência da jetirana: processos formativos em direitos humanos e agroecologia e o protagonismo das mulheres da Comunidade Bela Vista Piató e da Agrovila Santarém, Rio Grande do Norte, Brasil

The resistance of the jetirana: the formative processes in human rights and agroecology and the protagonism of the women of the Community Bela Vista Piató and Agrovila Santarém, Rio Grande do Norte, Brazil

DIAS, Maria Clara Correia¹; COSTA, Jéssica de Moraes²; GOMES, Rayane Cristina de Andrade³; PIRES, Adriana Dias Moreira⁴, ALMEIDA, Itamará Patrícia de Souza⁵.

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, mclaraacd@yahoo.com.br; ² jessica_morais3@hotmail.com; ³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, rayaneandrade93@gmail.com;

⁴ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, adriana_pires20@gmail.com,

⁵ Movimento das Mulheres Camponesas, itamaralogos@hotmail.com

Tema gerador: Mulheres e Agroecologia

Resumo

A violência contra as mulheres quilombolas, agricultoras familiares e camponesas no Semiárido Potiguar é acentuada pela falta de políticas públicas que possibilitem autonomia e superação das diferenças sociais e de gênero no campo. A experiência técnica relatada visa expor a importância dos processos formativos em Direitos Humanos e Agroecologia, enquanto ação política, educativa e emancipatória para as mulheres da Comunidade Bela Vista Piató e da Agrovila Santarém. A metodologia utilizada no processo de formação foi baseada em uma abordagem participativa, dialógica e horizontal, e aplicada nos formatos de oficinas, rodas de conversas, intercâmbio, práticas e vivências, inspirada na perspectiva freireana. Compreendemos que a autonomia e a emancipação das mulheres no campo não é alcançada apenas pelos processos formativos, porém tais processos contribuem para desencadear algumas transformações locais. Conclui-se que a experiência técnica servirá como subsídio para desenvolvimento local e o fortalecimento das mulheres no campo, visando a superação das opressões, da desigualdade social, cultural e econômica.

Palavras-chave: Autonomia; Comunidades quilombolas; Camponesas; Agricultoras familiares.

Abstract

Violence against quilombola's communities women, family farmers and peasants in the Potiguar Semi-arid region is attenuated by the lack of public policies that allow autonomy and overcoming social and gender differences in the countryside. The technical experience aims to expose the importance of the training processes in Human Rights and Agroecology, as a political, educational and emancipatory action for the women of the Community Bela Vista Piató and Agrovila Santarém. The methodology used in the training process was based on a participative approach, dialogical and horizontal, and applied in the formats of workshops, wheels of conversations, exchanges, practices and experiences, inspired by the perspective of Paulo Freire. We understand that the autonomy and emancipation of women in the field is not only achieved through formative processes, but these processes have a character that triggers social transformations. It is concluded that technical experience will serve as a subsidy for local development and the strengthening of women in the countryside, aiming at overcoming oppression, social, cultural and economic inequality.

Keywords: Autonomy; Quilombola's Communities; Peasants; Family farmers.



Contexto

Em 2016, o Rio Grande do Norte figurou como o quinto Estado do Brasil em casos de violência doméstica: foram registrados 57 assassinatos de mulheres com características de violência doméstica e/ou preconceito de gênero. Sabe-se que os dados sobre violência contra mulher são insuficientes para contemplar a realidade, existindo ainda uma grande subnotificação quando se trata de mulheres que vivem no meio rural.

O combate às violações ocorridas no campo esbarra na condição material das mulheres que são vitimizadas. O contexto em que estas mulheres estão inseridas vai desde a precariedade e/ou inexistência dos serviços especializados no combate à violência contra mulher, à cultura do campo de reprodução e naturalização de valores machistas, das relações de poder e de dominação do homem sobre a mulher (TÁBOAS, 2014).

Para além das violências físicas e psicológicas, consideramos que neste contexto a ausência/inexistência de serviços que garantam a autonomia e emancipação das mulheres são potencializados pela ausência e a dificuldade de políticas públicas, a exemplo de assistência técnica e extensão rural, acesso à saúde e outros direitos.

A experiência técnica que buscamos relatar neste trabalho foi realizada no Semiárido do Estado do Rio Grande do Norte (Brasil) entre os anos de 2015 e 2017, na comunidade Bela Vista Piató localizada no município de Assú, onde vivem cerca de 100 famílias e na Agrovila Santarém (P. A. Pedro Ezequiel de Araújo) localizada no municípios de Afonso Bezerra, onde vivem aproximadamente 24 famílias.

Diante de um contexto de violações de direitos percebeu-se a necessidade de realização de processos formativos em direitos humanos e agroecologia nas Comunidades Bela Vista Piató e da Agrovila Santarém no Semiárido Potiguar. Partiu-se da ideia de que a ação educativa e política tem papel transformador e modificador nas relações de injustiças presentes na vida das mulheres no campo (GUEDES, 2010).

Tais processos visam a estimular a transformação social das mulheres do Piató e do Santarém numa perspectiva de fortalecimento da autonomia delas enquanto sujeitos políticos, sociais e produtivos.

Nosso marco de atuação buscou a elaboração futura de projetos produtivos e a implementação de políticas públicas que fomentem a implantação de quintais produtivos ou de projetos produtivos baseados nos princípios agroecológicos, interpretando desta forma que a inclusão produtiva baseada na transição agroecológica tem caráter emancipatório para as mulheres do campo (SILIPRANDI, 2015).



Assim foi concebido o “Projeto Jetirana: Mulheres, Agroecologia e Direitos Humanos”, numa parceria entre o extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário e a Universidade Federal Rural do Semiárido através do Centro de Referência em Direitos Humanos do Semiárido, com uma equipe técnica interdisciplinar composta por mulheres para desenvolver as atividades, que passamos a descrever abaixo.

Descrição da Experiência

As atividades foram realizadas com um total de 40 mulheres (quilombolas, agricultoras familiares e camponesas) da Comunidade Bela Vista Piató e da Agrovila Santarém. Estas tinham a faixa etária entre 17 e 60 anos e grande parte participam e/ou estão organizadas em grupos da comunidade como: associações, grupos religiosos e movimentos sociais.

Metodologicamente, a experiência foi dividida em 4 etapas: planejamento, mobilização das mulheres, processo formativo com/para as mulheres e avaliação. O processo de formação sobre temáticas que envolvem direitos humanos e agroecologia foi realizado em formato de oficinas, rodas de conversas, intercâmbio, práticas e vivências com as mulheres, intercalando os lugares das formações entre a comunidade e a agrovila, além da propriedade de outras agricultoras da região.

O processo formativo foi composto por 12 momentos: sendo 6 em Direitos Humanos: gênero e direitos da mulheres; gênero, patriarcado e desigualdades; direitos humanos e a luta pela igualdade de gênero; combate à violência doméstica contra a mulher: lei Maria da Penha; emancipação da mulher do campo a partir da agroecologia; políticas Públicas para Mulheres Rurais e Organização Produtiva: cooperativismo e associativismo; e 06 em Agroecologia: princípios agroecológicos; transição agroecológica; agroecologia e feminismo; práticas e manejos agroecológicos; manejo agroecológico da caatinga e experiências agroecológicas no semiárido.

O processo teve caráter educativo, com vistas ao desenvolvimento de uma prática social utilizando metodologias participativas, dialógicas e horizontais, algumas ferramentas utilizadas no Diagnóstico Rural Participativo - DRP.

Os objetivos foram alcançados em vários âmbitos do processo formativo e foram verificados por meio de relatos feitos pelas mulheres nos momentos avaliativos.

A participação das mulheres nas atividades foi ocorrendo de forma gradativa sobretudo quando comparamos a participação destas nos momentos formativos iniciais com os momentos formativos finais. Observou-se a evolução das mulheres em expressarem suas opiniões, dando contribuições, exemplificando e questionando. Alguns temas



foram abordados de forma mais efetiva quando se estabeleceram estes vínculos de confiança, a exemplo das violências sofridas por elas e por outras mulheres da comunidade e da agrovila.

Com relação às atividades formativas e práticas de agroecologia foi observado um conjunto de potenciais produtivos, embora as mulheres tenham desafios de estabelecer sua produção devido à falta de Assistência técnica e extensão rural e o acesso à políticas públicas, além de limitações causadas pela falta de água e/ou pela qualidade da água.

Observou-se uma valorização das mulheres quanto ao caráter prático de algumas atividades (oficinas, intercâmbios e vivências) a exemplo as experiências de transição agroecológica no Semiárido. As atividades formativas foram identificadas como encorajadoras para que as mulheres iniciem ou dêem continuidade à produção do seu próprio alimento, garantindo a alimentação e a saúde delas e das famílias.

Resultados

O processo formativo foi concluído de forma satisfatória para as mulheres, tendo em vista a participação, o incentivo inicial sobre a busca da autonomia social, política e financeira foram êxitos nos encontros sobre direitos humanos e agroecologia.

As temáticas dos momentos formativos possibilitaram a compreensão pelas mulheres do seu papel nas atividades domésticas e produtivas. Também contribuíram com o entendimento sobre a valorização de suas atividades de produção e criação. A compreensão sobre os potenciais produtivos endógenos/locais, permite que elas garantam a segurança e da soberania alimentar e nutricional dela e de sua família.

Sobre as temáticas de violência contra mulher e a garantia de direitos perante as leis, a participação no projeto possibilitou a compreensão e a exposição de algumas violências sofridas pelas mulheres da comunidade e da agrovila. Na prática consideramos que a tomada de decisão de ir aos encontros formativos, foi uma forma de modificar algumas estruturas nas suas casas.

Como se sabe, analisamos que apenas uma experiência como esta não possibilita a transformação da realidade das mulheres da Comunidade Bela Vista Piató e da Agrovila Santarém, porém entende-se que são atividades como estas em processos formativos continuados que podem subsidiar outras iniciativas que visem a mudança social, estrutural e, sobretudo cultural daquelas comunidades.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Como resultado de um diagnóstico social e produtivo realizado no projeto, foi possível identificar como as diversas ausências do Estado foram avaliadas enquanto fatores limitantes para as mulheres da Comunidade e da Agrovila e suas famílias. Esta limitação é determinante para o desenvolvimento local, devido à ausência ou ao acesso restritivo: à políticas específicas para mulheres no campo e políticas de enfrentamento à violência contra mulher; à falta de assistência técnica e extensão rural para as mulheres; à falta de incentivo ao desenvolvimento de atividades produtivas pelas mulheres.

Por fim, é importante ressaltar a capacidade organizativa dos dois grupos de mulheres do Piató e do Santarém como fator característico e agregador para a resistência destas mulheres.

Agradecimentos

Ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), pelo apoio financeiro ao Projeto, a Universidade Federal Rural do Semiárido- UFERSA, Centro de Referência e Direitos Humanos do Semiárido e ao Movimento de Mulheres Camponesas - MMC.

Referências

GUEDES, M.V. **conversando sobre relação de gênero no semiárido**. Mulheres no semiárido: um olhar feminista. (org Maria Verônica Guedes e Rivane Arantes). SOS CORPO. Recife, 2010.

PACHECO, Maria Emilia Lisboa. **A questão de gênero no desenvolvimento agroecológico**. Disponível em: < file:///home/mclaracd/%C3%81rea%20de%20Trabalho/A_Questao_genero_agroecologia.pdf>Acesso em 16/10/2016.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TÁBOAS, Ísis Dantas Menezes Zornoff. **Viver sem violência doméstica e familiar: a práxis feminista do Movimento de Mulheres Camponesas**. Dissertação de Mestrado, UNB, Brasília, nov. 2014.